

CONDIÇÃO FEMININA NO IMPÉRIO COLONIAL PORTUGUÊS

COORDENAÇÃO: CLARA SARMENTO

CENTRO DE ESTUDOS INTERCULTURAIS
INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO

INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO

2008

POLITÉCNICO
DO PORTO

Edições
POLITEMA



CONDIÇÃO FEMININA NO IMPÉRIO COLONIAL PORTUGUÊS

COORDENAÇÃO: CLARA SARMENTO

CENTRO DE ESTUDOS INTERCULTURAIS
INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO
INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO
2008

POLITÉCNICO
DO PORTO

Edições
POLITEMA



la educação)

ira responsabilidade

CONDIÇÃO FEMININA NO IMPÉRIO COLONIAL PORTUGUÊS



COORDENAÇÃO: CLARA SARMENTO

CENTRO DE ESTUDOS INTERCULTURAIS
INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO
INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO
2008

**POLITÉCNICO
DO PORTO**

FIPP

**FUNDAÇÃO
POLITÉCNICO DO PORTO**

**Edições
POLITEMA.**

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR Portugal



**FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN**

Subalternidades e Comportamentos Culturais

- As Mulheres e o Processo de Emancipação Social 247
Abigail Alcantara Silva
- A Conquista do Espaço Público:
O Protagonismo Feminino nos Séculos XVII e XVIII na Esfera Religiosa 265
Célia Maia Borges
- Iguais na Lei, Desiguais na Comunidade:
Educação e a Construção Social da Autoridade Feminina em Timor-Leste 275
Daniel Schroeter Simião
- Mulheres no Brasil Colonial:
O Caso do Recolhimento da Santa Casa da Misericórdia da Bahia 283
Maria de Deus Manso
- Política e Religião:
A Construção da Ordem Feminina no Brasil e em Portugal do Século XX 305
Giselda Brito Silva
- Criadas para Servir:
Instrução e Educação Feminina de Pobres na Bahia – 1870/90 317
Ione Celeste Jesus de Sousa
- Meandros da Subalternidade Feminina:
Quando o Subalterno se Torna Senhor 335
Isabel Pinto
- Género e Notabilidade: Mulheres Portuguesas Imigrantes
nas Sociedades de Beneficência do Brasil, 1854-1889 343
Larissa Patron Chaves
- A Mulher na Misericórdia de Macau 355
Leonor de Seabra
- Mendigas, Santas e Loucas, das Ruas às Clausuras:
Para uma Compreensão sobre a Condição Feminina no Brasil (século XIX) 381
Marcos António de Almeida

Condição Feminina no Império Colonial Português / coord. Clara Sarmento. – (Ciências humanas e da educação)
ISBN 978-972-8688-54-7

I – SARMENTO, Clara Maria, 1970-

CDU 305
94(469)“17/19”
325

As concepções constantes nesta publicação, assim como o modo como estas se exprimem, são da inteira responsabilidade dos seus autores.

CONDIÇÃO FEMININA NO IMPÉRIO COLONIAL PORTUGUÊS
Clara Sarmento (Coordenação)

Centro de Estudos Interculturais
Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Instituto Politécnico do Porto
© Instituto Politécnico do Porto
Porto, 2008

Edição apoiada pelas
Fundação Calouste Gulbenkian
Fundação para a Ciência e Tecnologia

Coordenação editorial
Fundação Instituto Politécnico do Porto

Desenho da capa
Paulo Magalhães

Motivo da capa
Mercado Angolano – Acervo do colecionador Sr. João Loureiro

Paginação, impressão e acabamentos
SerSilito-Empresa Gráfica, Lda.

Contactos
Rua Dr. Bernardino de Almeida, 537
4200-072 Porto
Telefone 228302555
Fax 22 830 25 56
politema@fipp.ipp.pt

ISBN
978-972-8688-54-7

Depósito legal
281040/08

Tiragem
500 Exemplares

CONDIÇÃO FEMININA NO IMPÉRIO COLONIAL PORTUGUÊS



COORDENAÇÃO: CLARA SARMENTO

CENTRO DE ESTUDOS INTERCULTURAIS
INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO
INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO
2008

POLITÉCNICO
DO PORTO

FIPP FUNDAÇÃO
POLITÉCNICO DO PORTO

Edições
POLITEMA

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR Portugal



Prefácio	11
Epistemologia Interdisciplinar	
Reflexões Metodológicas sobre o Uso da Análise do Discurso nos Estudos da História Política Cultural	27
Giselda Brito Silva	
Vozes Femininas na Queda do Império: <i>O Esplendor de Portugal</i> de António Lobo Antunes	39
Dalila Silva Lopes	
Escravidura Feminina	
Memórias da Escravidão: As Mulheres e o Comércio Humano nos Jornais Pernambucanos de 1850 a 1888	51
Maria Ângela de Faria Grillo	
Escravas Feiticeiras em Portugal na Época Moderna	69
Daniela Buono Calainho	
Escravidura Feminina, Economia Doméstica e Estatuto Social nos Prazos do Zambeze no Século XVIII	77
Eugénia Rodrigues	
Contribuição dos " <i>Anais de Vila Bela: 1734-1789</i> " para o Estudo da Escravidão no Império Português	99
Leny Caselli Anzai	

Filhos de Escrava no Império Colonial Português – Regime Jurídico e sua Aplicação (Séculos XVI a XIX)	109
Margarida Seixas	
Imagens e Perspectivas Culturais: O Trabalho Feminino nas Feiras e Mercados Luandenses	125
Selma Pantoja	
Culinária e Religião: Resistência Cultural Afro-Brasileira no Século XIX	141
Zélia M. Bora	
Literatura e Linguística no Feminino	
A Escrita Autobiográfica e a Adoção de uma Dicção Feminina: Um Retrato das Cartas de Mariana Alcoforado	157
Betina Ruiz	
Representações do Feminino nas <i>Cartas e Escritos</i> de S. Francisco Xavier.....	163
Clara Sarmento	
Batalha Contra o Silêncio: O Diário de Graciete Nogueira Batalha, Professora em Macau	183
Cristina Pinto da Silva	
Ibicaba e a Exploração dos Imigrantes Suíços no Brasil.....	189
Maria Helena Guimarães	
Os Colonos e a Escravatura no Brasil: A Necessidade de Novas Abordagens	201
Luísa Langford	
Linguística no Feminino: O Português das Mulheres Timorenses	213
Maria João Marçalo	
Pré-Feminismo no Século XIX: Guiomar Torresão e sua Baronesa ou o Humor como Arma de Transgressão em Guiomar Torresão	223
Monica Rector	
Mulheres Viajantes do Século XIX: O Olhar Feminino Sobre a Condição Feminina no Brasil	235
Teresinha Gema Lins Brandão Chaves	

Subalternidades e Comportamentos Culturais

As Mulheres e o Processo de Emancipação Social	247
Abigail Alcantara Silva	
A Conquista do Espaço Público: O Protagonismo Feminino nos Séculos XVII e XVIII na Esfera Religiosa	265
Célia Maia Borges	
Iguais na Lei, Desiguais na Comunidade: Educação e a Construção Social da Autoridade Feminina em Timor-Leste	275
Daniel Schroeter Simião	
Mulheres no Brasil Colonial: O Caso do Recolhimento da Santa Casa da Misericórdia da Bahia	283
Maria de Deus Manso	
Política e Religião: A Construção da Ordem Feminina no Brasil e em Portugal do Século XX	305
Giselda Brito Silva	
Criadas para Servir: Instrução e Educação Feminina de Pobres na Bahia – 1870/90.....	317
Ione Celeste Jesus de Sousa	
Meandros da Subalternidade Feminina: Quando o Subalterno se Torna Senhor.....	335
Isabel Pinto	
Género e Notabilidade: Mulheres Portuguesas Imigrantes nas Sociedades de Beneficência do Brasil, 1854-1889	343
Larissa Patron Chaves	
A Mulher na Misericórdia de Macau.....	355
Leonor de Seabra	
Mendigas, Santas e Loucas, das Ruas às Clausuras: Para uma Compreensão sobre a Condição Feminina no Brasil (século XIX).....	381
Marcos António de Almeida	

4	Maria Auta	10 anos de idade	
5	Maria Filomena	10 anos de idade	
6	Maria Severina	10 anos de idade	
7	Maria Josefa	10 anos de idade	
8	Susana do Rosário	10 anos de idade	
9	Marta dos Remédios	10 anos de idade	
10	Joana da Luz	10 anos de idade	Faleceu no Hospital, 30 de Agosto de 1877.
11	Maria Irenia	10 anos de idade	
12	Francisca Rosa	10 anos de idade	
13	Quintinal das Dores	10 anos de idade	Saiu em 14 de Outubro para casa do Sr. Maximiano A. dos Remédios.
14	Teresa de Jesus	14 anos de idade	Depositada
15	Maria da Assunção	10 anos de idade	
16	Maria de Jesus	10 anos de idade	Cega. Faleceu, 24 de Setembro de 1877.
	Adultas		
17	Teresa de Jesus	25 anos de idade	
18	Ana Maria da Assunção	18 anos de idade	Inválida
19	Sinforosa de Jesus	25 anos de idade	Inválida
20	Maria de Jesus das Dores	17 anos de idade	Cega
21	Micaela de Santo	19 anos de idade	Cega
22	Francisca Xavier	19 anos de idade	Cega
23	Flora	32 anos de idade	Cega

Mendigas, Santas e Loucas, das Ruas às Clausuras: Para uma Compreensão sobre a Condição Feminina no Brasil (século XIX)

Marcos António de Almeida

Resumo: *MENDIGAS, SANTAS E LOUCAS, são o resultado de uma curiosidade que deu frutos. Estava em busca dos franciscanos e junto a eles encontrei os pobres. Entre um e outro objeto, o elo que os unia era a prática da solidariedade. Um franciscano doando parte do seu salário de professor a um Asilo, indicava uma mudança de postura frente à "pobreza franciscana", era ele quem dava e não mendigava. De outro lado, a sociedade baiana se confrontava com uma realidade crua e difícil. O abandono e a loucura que os Asilos tentavam remediar, fruto de uma sociedade em frangalhos, gerou um tipo de rede solidária que lhes permitiu enfrentar certos desafios conforme às suas possibilidades. Homens, mulheres e crianças estão aqui representados, porém a mulher parece ser o gênero mais atingido. Os resultados da pesquisa apontam para mulheres que estavam sempre à mercê dos infortúnios femininos. DAS RUAS ÀS CLAUSURAS, elas têm de corresponder a um estereótipo que lhe foi imputado e sem o qual ela estará perigosamente ameaçada de ser penalizada. PARA UMA COMPREENSÃO SOBRE A CONDIÇÃO FEMININA NO BRASIL (SÉCULO XIX) surge, dessa forma, como uma tentativa de conectar vidas esquecidas e ainda não contada de mulheres de todas as cores, de tantos amores, mulheres carentes, ainda vistas como meros objetos.*

A historiografia brasileira sobre a mulher tem produzido abordagens distintas sobre a condição feminina no Brasil¹. A mulher e suas variadas facetas passou a ocupar um lugar privilegiado na historiografia brasileira contemporânea. Não preciso me alongar sobre o silêncio e a exclusão das mulheres na história do Brasil. As práticas sócio-históricas femininas nas Américas confirmam a existência de violência e exploração, mas revelam também momentos de negociações entre homens e mulheres, estas seguem à risca as normas ou as transgridem, seja de forma velada, seja de maneira explícita. A evolução das conquistas e construção das sociedades modernas aponta para uma diversidade de realidades complexas a serem decifradas. Não obstante, é impossível uma abordagem sobre a mulher isolada do contexto no qual se efetivam as relações de sociabilidade.

Guiados pela história social que consagrou sua atenção a grupos 'excluídos' da narrativa histórica, como também se ocupou em analisar as relações familiares, a sexualidade, a

¹ SILVA, Maria Beatriz Nizza da, "A universidade brasileira e os estudos sobre a mulher", In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 27, (1987), pp. 75-91; PRIORE, Mary del, (org.), *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

criminalidade, a morte ou o pecado como objetos de reflexão histórica, os historiadores brasileiros fizeram emergir dos arquivos um conjunto de agentes sociais até então pouco conhecidos. O termo 'excluídos' é sugestivo, pois indica que eles (mulheres, escravos, loucos, criminosos etc.) não receberam a devida atenção dos historiadores². Santas ou feiticeiras, detentoras do poder do bem ou do mal, dependendo de sua esfera (privada ou pública), a mulher sempre povoou a imaginação dos homens e o seu lugar na história obedeceu à lógica dos interesses os mais díspares. Constatamos que a introdução de temáticas ligadas às questões da mulher não era novidade, a mulher como eixo de uma multiplicidade de ângulos desnudava as sociedades que as tentavam esconder. Como se isso fosse possível. Elas são onipresentes, falantes ou silenciosas, ativas ou contemplativas, elas conseguiram mudar lentamente a imagem do mundo.

O nosso olhar se inscreve, portanto, num recorte histórico decisivo: na transição da condição feminina do período colonial para o Império, período, aliás, pouco estudado no que tange à temática³. O presente texto é fruto de algumas reflexões a partir de dados coletados de uma documentação sobre asilos para pobres em Salvador, no século XIX⁴. As informações que emergem da documentação revelam a dura realidade social da cidade de Salvador. Por outro lado, elas suscitam uma curiosidade acerca das formas de superação da pobreza partilhadas entre as camadas sociais. Pobres se ajudam mutuamente, ricos também participam das iniciativas filantrópicas a favor dos pobres e a sociedade vai abrindo espaços para as mulheres que, pouco a pouco, encontram novas formas de auto-sustentação foram dos padrões estabelecidos.

Em 1852, James Wetherell, vice-consul Inglês na Bahia, declara em seus apontamentos que a Bahia é "uma cidade de maravilhosa que o sol ainda fixa com o olhar direto, como que enamorado do maravilhoso reino e encantado de viver ali"⁵. O olhar embevecido de um estrangeiro sobre a "terra estranha" não revela, entretanto, os paradoxos existentes. Wetherell capta as mudanças que estavam acontecendo na Bahia. Entre o abandono e a proteção, os habitantes de Salvador procuravam agir de acordo com as suas possibilidades, pois os indícios de herança colonial começam a apresentar conseqüências funestas: homens, mulheres e crianças estavam à mercê da generosidade da sociedade baiana. As mulheres, por sua vez, revelavam novas tendências comportamentais.

² PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História, Operários, Mulheres, Prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

³ ALGRANTI, Leila Mezan. *Honradas e devotas: Mulheres da colônia. Condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil (1750-1822)*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Edunb, 1993, p. 58.

⁴ Arquivo Público do Estado da Bahia. Religião (APEBA). Recolhimento com os Humildes de Santo Amaro. Assunto: Religião, 1833-1888. Seção de Arquivo Colonial e Provincial, Maço 5279; APEBA. Asilo de mendicidade 1862-1880. Seção de Arquivo Colonial e Provincial. Maços 5301-5302-5303.

⁵ WETHERELL, James, *Brasil. Apontamentos sobre a Bahia (1842-1857)*. Salvador: Edição Banco do Brasil S/A, s./d., p. 16.

Em Pernambuco, no Recolhimento de Nossa Senhora da Glória, há um plano para a formação feminina que além de orientar sobre a importância da educação feminina, dos papéis sociais das mulheres, e de regular os horários e práticas no interior da clausura, o arcebispo de Pernambuco, D. Azeredo Coutinho, apresenta um programa de estudo e profissional a ser ministrado às recolhidas. O arcebispo insiste na importância delas aprenderem a ler e a escrever corretamente, elas devem se tornar ágeis na matemática. Segundo ele, elas deviam ser dispensadas do aprendizado do latim e da música, e ele solicita uma atenção toda especial na instrução da Economia Doméstica e na arte de cozer e bordar⁶.

Se em Pernambuco, a Igreja pretendia inserir a mulher no contexto de uma Economia Doméstica, na Bahia, a intenção se ampliava para a inserção da mulher no campo do trabalho assalariado. Respondendo a um inquérito sobre a situação da economia baiana, o desembargador João Rodrigues de Brito anotou, em 1807, um parecer favorável à inserção da mulher no mundo do trabalho livre. O desembargador sustentava que a mão-de-obra feminina poderia duplicar a produção, caso liberada nem que fosse para ocupações sem exigência de grande força física. Elas poderiam "vender em lojas" e se ocupar "no exercício de todas as artes"⁷. As mudanças nos costumes brasileiros já se faziam observar em meados do século XIX, precisamente entre 1852 e 1862, pelo viajante francês Charles Expilly, no Rio de Janeiro, que constatava que a reclusão feminina já não era tão severa⁸.

1. Da Clausura às Ruas: As santas e as abandonadas no Brasil

No Brasil colonial, duas formas de clausuras eram as mais comuns: a casa, célula da família sanguínea, e o convento ou recolhimento, a família espiritual. A prática da clausura religiosa oficial no Brasil acontece na Bahia, em 1676, com a implantação da Ordem de Santa Clara⁹, mais conhecida como *clarissas*, no Mosteiro de Nossa Senhora do Desterro. No Sudeste do Brasil, clausuras semelhantes iniciam-se no alvorecer do século XVIII e abriga as mulheres pobres, intermediárias e ricas, mendigas e abastadas, de 'família', e prostitutas. Todas estão à mercê dos homens e da sorte que as confinam ou as esquecem. A clausura passa ter um caráter punitivo e corretivo, ela engloba todas as classes sociais, mas predomina na classe rica

⁶ ALGRANTI, Leila Mezan, "Educação Feminina. Vozes dissonantes no século XVIII e a prática colonial", In: *História e Utopias*. São Paulo: ANPUH (Associação Nacional de História), 1996, pp. 264-265. Ver o trabalho mais recente de ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro de, *O Sexo Devoto: Normatização e resistência feminina no Império Português (séculos XVI-XVIII)* Recife: Editora Universitária/UFPE, 2005, pp. 242-334.

⁷ Apud. ARAÚJO, Emanuel. *O Teatro dos Vícios. Transgressões e transigência na sociedade urbana colonial*. 2a ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1997, pp. 190-191.

⁸ EXPILLY, Charles, (1814-1886). *Mulheres e Costumes do Brasil*. São Paulo/Brasília, Nacional/INL, 1977 (1a ed. Francesa 1864), p. 242. (*Les Femmes et les moeurs du Brésil*. Paris: Charliou et Huillery, 1863).

⁹ A Ordem das Clarissas foi a segunda Ordem fundada por São Francisco, no século XIII. Clara di Favaroni, amiga e confidente, torna-se a precursora de um estilo de vida religiosa feminina até então desconhecida. Ver: *Fontes Franciscanas*. Apresentação Sérgio M. Dal Moro; tradução Celso Márcio Teixeira et. al.. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004, pp. 1699-1878.

no afã de protegê-las e mantê-las, dessa forma, com a moral ilibada. Proteção e instrução eram motivos suficientemente fortes para se enviarem as mulheres para os conventos e Recolhimentos.

A educação intelectual feminina no Brasil oitocentista ainda estava distante de fazer parte da pauta “esclarecida” dos homens brasileiros. No alvorecer do século XIX, o Brasil Império inicia um processo de redimensionamento dos espaços dedicados à formação feminina. As ordens religiosas femininas que chegaram ao Brasil em meados e final do século XIX propiciaram um novo perfil para as “moças de família”. Estas ordens abriram novas frentes de trabalho para as mulheres fazendo emergir novas formas de engajamentos profissionais, sobretudo, ligadas à educação e à saúde.

As congregações religiosas engajadas em colégio e hospitais atribuíram funções diferenciadas para as atividades femininas que as colocaram em contato direto com a sociedade. Dos conventos às escolas, aos hospitais e aos asilos, o mundo das mulheres se encontra com a sociedade. Voltadas, portanto, para a educação das meninas, ancoradas nas reformas dos costumes que aconteceram no final do século XIX e início do XX, nos conventos e recolhimentos, as ordens religiosas femininas passaram a desempenhar uma função mais explícita para a formação de mulheres engajadas no lar e na educação. O processo é lento e, enquanto isto não acontecia, as instituições femininas de clausura continuaram a desempenhar seu papel na educação e catequese para as mulheres¹⁰. Não obstante, outra forma de solidariedade à causa das mulheres abandonadas nasceu do movimento sócio-religioso iniciado pelo missionário Pe. Ibiapina (1806-1883), em Pernambuco, Paraíba e Ceará, que tinha por objetivo fundar Casas de Caridade destinadas à “luta contra o desamparo da mulher”¹¹.

1.1. A arte das mãos: enfeitar e cozinhar nos conventos

Em 1845, Weterell, o vice-cônsul inglês, juntamente com um grupo de conterrâneos, visita o Convento da Soledade¹², residência das irmãs Ursulinas. Ali o vice-cônsul além de se encantar com a beleza da freira que o atende, ele informa que naquele convento o principal trabalho delas é o de confeccionar “maravilhosas flores de penas de pássaros, que não necessitam ser tingidas e que são tão justamente apreciadas na Europa”. Plumas de pássaros entraram,

¹⁰ ALGRANTI, *op. cit.*, pp. 252-266. Para uma visão mais ampla sobre a questão ver a mesma autora em *Honradas e devotas op. cit.* A contribuição mais direta para tal empenho foram os manuais empregados na formação das jovens a fim de salvaguardar a moral e os bons costumes. ALMEIDA, Angela Mendes de. *O Gosto do Pecado. Casamento e sexualidade nos manuais de confissões dos séculos XVI e XVII*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. Segundo Foucault, o século XVII é o início de uma época de repressão burguesa, momento que, ao mesmo tempo, é marcado pela presença significativa desses manuais de confessores, em que os pecados são francamente detalhados. Cf. FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade, I. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1982, pp. 9-25.

¹¹ HOORNAERT, Eduardo, (Org.), *Crônicas das casas de Caridade fundadas pelo padre Ibiapina*. Coleção Outras Histórias, n. 39, Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006, pp. 37-40.

¹² Convento da Soledade – Fundado pelo jesuíta Gabriel Malagrida.

dessa forma, através dos conventos femininos, na moda (Schindler, 2001: 1089-1108). Segundo Weterell, a primeira vez que visitou esse Convento, ele teria revivido todos os romances a respeito de freiras e conventos. A madre “Superior era uma mulher majestosa: uma sorte de rosto ‘carlo docí’, pálido, mas com olhos maravilhosos, muito semelhantes aos da ‘Madona’ da coleção Real de Pinturas”. Os visitantes sempre queriam comprar e receber as flores das mãos daquela “Superiora” com ares da “Mãe de Deus” tal qual as pinturas clássicas. O recito conventual não parecia muito espaçoso, o vice-cônsul e demais visitantes foram levados “a uma pequena sala que rapidamente se encheu de grandes cestos e tabuleiros com flores”. Duas janelas com grades separavam os visitantes da linda freira que lhes apresentava “um extraordinário sortimento de flores de todos os tipos”. Junto “à bela” matrona, “diferentes servas das outras freiras do convento informavam os preços dos trabalhos de suas donas”. Pelo fato do grupo inglês não ser conhecedor da língua portuguesa, eles se comunicavam por gestos, motivo que teria gerado “momentos bem divertidos ao efetuarmos compras combinadas e discutidas quase que exclusivamente por gestos, o que, seguramente, nos deve ter levado a pagar, algumas vezes, o dobro do valor.” Terminando a visita e as compras, a linda freira os acompanhou até a porta. Ao passar diante da venerada “Madona”, “ela desejou-nos um cortês adeus acrescentando que, se alguma vez voltássemos por ali, deveríamos sempre perguntar por Maria de...”¹³. Afinal, diante de tal estupefação, o vice-cônsul havia esquecido o nome exato daquela que os “enfeitiçara”.

As freiras são também grandes fabricantes de guloseimas. Elas fabricam geléias, frutas secas etc. Além disso, é muito fácil comprá-las em pequenas ou grandes quantidades, todos os tipos de doces são feitos sob encomenda. Elas são verdadeiras artistas, decoram os mais complicados pratos com desenhos finamente preparados; elas preparam coloridas sobremesas que são cuidadosamente expostas à venda. São trabalhos culinários sob encomenda, verdadeiras obras de arte que levam os “nomes dos homenageados no centro, cercado de desenhos e figuras das mais diferentes cores”¹⁴.

1.2. A arte de sobreviver: os recolhimentos, os pobres e seus amigos

Se por um lado, as mulheres no século XIX passavam a ser alvo de reflexão, por outro lado, elas estavam também no centro das preocupações sociais. O livro de contabilidade do Recolhimento de Nossa Senhora dos Humildes, estabelecido em Santo Amaro da Purificação, no Recôncavo baiano, destinado à educação de raparigas em situação de risco¹⁵, apresenta um perfil feminino complexo. Conforme as anotações, esse Recolhimento preencheria as lacunas de uma sociedade desestabilizada em sua estrutura básica: a família e as relações

¹³ WETHERELL, James, *Brasil. Apontamentos sobre a Bahia (1842-1857)*. Salvador: Edição Banco do Brasil S/A, s./d., p. 28.

¹⁴ *Ibid.*, p. 106.

¹⁵ A.P.E.BA – Arquivo Público do Estado da Bahia. Recolhimento com os Humildes de Santo Amaro. Assunto: Religião, 1833-1888. Seção de Arquivo Colonial e Provincial, Maço 5279.

de gênero. Ao mesmo tempo, ele corresponderia às necessidades das próprias mulheres relegadas ao extremo abandono.

Tabela I

Relação das pessoas existentes neste recolhimento de N. S. dos Humildes da Vila de Santo Amaro da Purificação (1833)

Recolhidas permitidas pelos Estatutos e três inválidas.	23
Educandas pensionistas de maior e menor idade.	19
Educandas pobres de maior e menor idade a cargo do Recolhimento.	14
Servas sem compreender as escravas.	15
TOTAL	71

Tabela II

Resumo da Receita e despesa que anualmente tem o mesmo Recolhimento

Rendimento anual do patrimônio em 43 casas maiores e menores.	765\$000
Rendimento anual de 19 pensionistas a (...) por semana.	228\$000
Juros de 5% por diversas assinaturas voluntárias a favor do Recolhimento em se não entrega o principal e donativos ou pensões anuais e voluntárias.	441\$800
TOTAL	1.434\$800

Em 7 de Outubro de 1833, Anna Robarta da Cruz, Regente do Recolhimento dos Humildes naquele ano, não deixa de registrar a sua insatisfação quanto ao compromisso da sociedade frente aquela obra refletida nas abstenções de pagamentos:

Não é infalível a receita, nem a despesa porque há faltas nos inquilinos e assinaturas; pelo que diz respeito a receita e quanto a despesa os trabalhos e manufaturas da casa, como sejam costuras, bordados, flores e doces, e mais que se não furtou a receita por não produzir quantia certa, fazem contudo se possa afirmar que o seu resultado chega para preencher a despesa, sem miséria, nem supérfluo, conservando-se em boa ordem a casa posto que pobre, sem falta do necessário.¹⁶

Em carta de 1861, o provincial¹⁷ franciscano agradece ao Presidente da Província a restauração do retábulo da igreja do convento, contíguo ao Recolhimento dos Humildes. Assistia a esse Recolhimento o Fr. Francisco de Nossa Senhora da Penha. No mesmo ano, o vice Presidente da Província faz a doação de 750\$000 de esmola ao Recolhimento de Nossa Senhora dos Humildes.

¹⁶ Arquivo Público do Estado da Bahia. Recolhimento com os Humildes de Santo Amaro, Assunto: Religião, 1833-1888. Seção de Arquivo Colonial e Provincial, Maço 5279.

¹⁷ Provincial é o superior de um conjunto de conventos que formam uma província autônoma; também se chama ministro provincial.

Tabela III

Relatório do Recolhimento Nossa Senhora dos Humildes de 20 de Março de 1879

Órfãs	19
Empregadas	22
Servas (algumas se estão educando)	32
TOTAL	73

	Despesas	Receitas
Não identificadas.	11.410\$000	
Patrimônio.		4.028\$520
Mensalidades de pensionistas.		4.350\$000
Subvenção da Assembléia.		1.000\$000
Produto de uma Loteria.		1.465\$000
Juros de 4:000\$000.		240\$000
TOTAL		11.083\$520
DÉBITO		3.606\$777

Ass. Delfina Rosa de S. José – Regente.

Tabela IV

Relatório do Recolhimento dos Humildes de 20 de Fevereiro de 1888

Recolhidas.	20
Seminaristas e Educandas	41
Servas	40
TOTAL	101

	Despesas	Receitas
Não identificado.	9.700\$430	
Patrimônio.		3.526\$235
Mensalidades de pensionistas.		2.436\$000
Tesouro Provincial.		1.000\$000
Trabalhos Caseiros.		706\$600
Juros. *Não especifica o total do empréstimo		667\$000
TOTAL		8.335\$835
DÉBITO		3.820\$075

Ass. Maria Germana Calmon du Pin e Almeida – Regente.

Tabela V
Relatório do Recolhimento de N. S. dos Humildes de 28 de Fevereiro de 1889

Recolhidas	20
Seminaristas e Educandas	38
Servas	38
TOTAL	96

	Despesas	Receitas
Não identificado.	12:733\$100	
Patrimônio.		2.578\$510
Mensalidades de pensionistas.		2.560\$000
Esmolas.		200\$000
Produtos líquidos de 2 Loterias		5.300\$000
Trabalhos Caseiros		900\$000
TOTAL		11.539\$010

Ass. Maria Germana Calmon du Pin e Almeida – Regente¹⁸.

No Sertão da Bahia, em 1861, outro espaço para acolher pessoas necessitadas é criado e registrado como Asilo da Vila de Santa Izabel¹⁹. Este asilo acolhe homens, mulheres e crianças. No ano de 1861, 194 pessoas são registradas, a maior parte mulheres e crianças. Os homens que gozam de um pouco mais de saúde procuram trabalho no litoral, eles têm como objetivo encontrar um lugar para se estabelecerem com suas famílias. Muitos deles são vitimados pelas febres e alguns chefes de família vivem espalhados pelos garimpos e outros tipos trabalhos.

O Asilo da Vila de Santa Izabel parece ter proporções grandiosas e abriga razoável número de necessitados. O presidente da Província Desembargador Antônio da Costa Pinto determina que durante quatro meses sejam fornecidos mantimentos aos pobres moradores daquela região e especialmente do Asilo Santa Izabel. A maior parte das mulheres que se recolhem nesse asilo é de idade avançada. Elas têm entre 70 e 80 anos, duas são cegas e uma sofre de moléstia crônica. Dos homens, dois são *idiotas* e um aleijado. As crianças têm de 1 a 12 anos, a maioria delas tem mãe, mas os pais não constam nas notificações. Os pais que têm trabalho mandam seus filhos comerem no asilo, essas crianças são atendidas sem ônus para asilo. Aliás, o asilo alimenta 1/3 dos moradores da Vila Santa Izabel.

O Asilo dos Expostos, criado em 1878, na cidade de Salvador, sob os cuidados de uma comunidade religiosa feminina, envia uma solicitação pedindo permissão à Presidência da

¹⁸ Embora não registrando, houve nesse período um saldo de 1.194\$090.

¹⁹ Asilo da Vila de Santa Izabel – 1861. Sertão da Bahia. Arquivo Público do Estado da Bahia. Religião: Asilos 1861-1883, Seção de Arquivo Colonial e Provincial, Maço 5302.

Província para receber objetos vindos da Europa sem fim comercial, mas sim caritativo, para as emergências da casa²⁰.

O Asilo São João de Deus, chamado de *Alienados*, apresenta um relatório interessante para os anos de 1874-1875. Segundo os dados apresentados, as mulheres parecem sofrer mais fortemente as agruras de uma sociedade atingida pelas mais diversas doenças.

Tabela VI
Asilo São João de Deus (Anos de 1874-1875²¹)

Homens		Mulheres	
Branco	05	Branca	14
Pardo	14	Parda	12
Cabra	06	–	–
Preto	03	Preta	18
Crioulo	01	Crioula	01
TOTAL	29		45

A mulher branca nesse ano de 1874 e 1875 é em maior número que os homens brancos e mulheres pardas. De um total de 44 mulheres, as “pretas” são as mais atingidas pelo abandono. Elas perfazem o número de 18, contra 14 brancas e 12 pardas. De um total de 44 mulheres, 36 são solteiras, 5 casadas e 3 viúvas. O estado celibatário parece tornar vulnerável a condição feminina. A condição masculina parece seguir, em menor proporção, os mesmos infortúnios femininos. Dos homens alistados, 16 são solteiros, 4 são casados. Portanto, o que aproxima esses dois grupos, homens e mulheres, é a condição de não possuir vínculos matrimoniais, o que não significa que não tivessem companheiros e companheiras ou relacionamentos amorosos.

	Estado Civil		
	Solteiros (as)	Casados (as)	Viúvos (as)
Homens	16	04	–
Mulheres	36	05	03
TOTAL	52	09	03

Quem eram essas mulheres e homens abandonados? Que *status* social eles ocupavam no século XIX baiano? Os dados mais uma vez nos revelam que 66 eram livres, 2 eram escravos

²⁰ Asilo dos Expostos (1878). Arquivo Público do Estado da Bahia. Religião: Asilos 1861-1883, Seção de Arquivo Colonial e Provincial, Maço 5302.

²¹ Asilo São João de Deus (1872-1883). De alienados. Arquivo Público do Estado da Bahia. Religião: Asilos 1861-1883, Seção de Arquivo Colonial e Provincial, Maço 5302.

e 5 considerados “libertos”. Portanto, a liberdade parece que não os ajudou a encontrarem um nível de vida melhor. A maioria, 59, é de condição livre e procedente da Bahia. Em segundo lugar estão 11 africanos. A maioria dos abandonados é identificada como “parda” ou “preta”.

Profissões	
Comércio	–
Latoeiro	–
Roceiro	01
Costureira	20
Professora	02
Servente	08
Lavadeira	03
Mendiga	03
Negócio	03
Lavrador	04
Cozinheiro	01
Ganhadeira	03
Soldado	02
Estudante	02
Pedreiro	01
Entalhador	01
Caixeiro	01
Alfaiate	01
Músico	02
Operário Militar	01
TOTAL	59

Condição Social	
Livres	66
Escravos	02
Libertos	05
TOTAL	74

Naturalidade	
Portugal	01
Bahia	59
África	11
Alemanha	01
Rio Grande do Sul	01
Sergipe	01
TOTAL	74

No que tange às profissões, destaca-se a profissão de costureira. Explica-se esse alto índice profissional pela demanda social. As vestes simbolizavam *status* social e indicativo do poder econômico de quem as possuía, embora as restrições, tanto da Igreja quanto do Estado, procurassem orientar os modos de vestir à sobriedade²². Entretanto, parece ter havido uma reviravolta nos costumes, pois em 1821 Maria Graham, viajante inglesa ao passar por Salvador e Recife, constatou a decadência existente na arte de se vestir²³.

²² ARAÚJO, *op. cit.*, pp. 115-121.

²³ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1990 (1a ed. Inglesa 1824), pp. 137, 168 e 169.

Os anúncios em jornais, no século XIX, tornaram-se um rico material de pesquisa e revelam uma sociedade em movimento. No dia 31 de Julho de 1848, o *Diário de Pernambuco* anuncia a venda de uma escrava educada por uma inglesa no Recife. Segundo o dito anúncio, ela tinha “dezoito anos, de bonita figura e bons costumes, e que serve bem a uma casa, por ter sido educada por uma senhora inglesa, a qual também fala inglês, cose, cozinha, engoma e lava”. Elas residiam na Rua do Livramento n.º 36, próximo à igreja de Nossa Senhora do Livramento, igreja pertencente a confraria dos Homens Pardos. As escravas parecem acompanhar a evolução da urbanidade mercantil da cidade do Recife, além de falar inglês, há interesse também pelo espanhol. Delfina, escrava à venda, falava muito bem espanhol²⁴.

Não é de estranhar que a profissão de costureira seja a mais mencionada. Em 1854, ao descrever a maneira de vestir das pretas e mulatas, em Salvador, o vice-cônsul Wetherell informa que elas se vestem de forma “muito original e muito elegante”. As mulatas, mais do que as pretas, podem se dar ao luxo de se vestirem tão luxuosamente. A parte superior das vestes “é de fina musselina, lisa ou enfeitada, algumas vezes tão transparente que mal chega a disfarçar o corpo, da cintura para cima”. A parte que cobre o busto é bordada com largas rendas, lindamente trabalhados, reunindo por meio de uma abotoadura de ouro. A parte superior do vestido, intencionalmente folgada, expõe os ombros da mulher quase sempre inteiramente descobertos. Quando uma mulher está sentada no chão, a sua ampla saia forma um círculo completo, sempre com a orla bordada ou rendada. As negras têm os braços cobertos de pulseiras de pedras semi-preciosas e de ouro, o pescoço e o peito são carregados de colares e as mãos de anéis. São mulheres que se vestem de maneira extremamente cara, panos importados as deixam elegantemente vestidas. Elas chegam a pagar, “quando o tecido é da melhor qualidade, no mínimo cinqüenta mil réis, cerca de cinco libras esterlinas”. As cores são a grande arma para embelezá-las, “a cor mais procurada, naquele momento, eram os panos de fundo azul e cinzento com listras de um vermelho escuro”. Todo esse esplendor só desaparecia por ocasião da Quaresma, quando elas vestiam tecidos de cor preta, mas nunca renunciavam uma “seda muito levemente colorida”²⁵.

²⁴ SILVA, Leonardo Dantas, “A escrava que falava inglês”, In: *Textos sobre o Recife*, Fundação Joaquim Nabuco, <http://www.fundaj.gov.br/docs/rec/rec04.html>.

²⁵ WETHERELL, James, *Brasil. Apontamentos sobre a Bahia (1842-1857)*. Salvador: Edição Banco do Brasil S/A, s./d., pp. 79-80. Em *Souvenir de ma vie*, publicado em Paris, em 1868, o futuro Imperador do México, Maximilien d’Autriche, repete as mesmas observações de Wetherell sobre a Bahia: “Uma mulher em particular surpreende nosso olhar por suas formas extraordinárias. Ela vestia a roupa pitoresca e singular das negras brasileiras, que lembram ainda sua pátria africana: um vestido de algodão de floreado vistoso flutua negligentemente em torno de suas ancas que se balançam molemente, uma camisa branca sem mangas, que parece jogada por acaso, envolve o busto. Para circular na cidade, um chalé matizado de diversas cores cai dos ombros em pregas elegantes. Pérolas de vidro com amuletos pagãos descem por todo o colo. Um turbante de gaze branca ou azul claro é enrolado em torno da cabeça. As cores claras e vistosas ficam muito bem para estas peles bronzeadas e cheias de juventude. Estes encantos exóticos não deixavam de ter certo brilho, graças ao aveludado da pele... Neste sentido e nesta medida, existe nestas mulheres razão para coqueteria. Elas estavam bem persuadidas

Os brasileiros se preocupam excessivamente com a aparência e essa característica chama a atenção do vice-cônsul inglês. Segundo ele, quando os brasileiros “aparecem em público são muito requintados em sua maneira de vestir, lembrando muito os franceses em suas modas, e situam-se o mais longe possível da sociedade do gosto britânico”, mas logo que voltam às suas casas se desfazem das vestes e voltam a ficar à vontade: “a camisa é trocada por uma mais suja – e sobre eles enfia um roupão e, calçando os seus pés nus em *tamancos* (chinelos de madeira), e, com esses trajes caseiros, eles permanecem até o fim do dia”²⁶.

As senhoras em Salvador saem muito pouco e, quando o fazem, trajam vestidos de luxo para fazer visitas de cerimônia ou para ir à missa. As raparigas só vão à missa em *cadeiras*, protegidas por cortinas que as escondem cuidadosamente dos olhares de meio mundo de curiosos. Mas essa prática parece já começar a ser negligenciada. As antigas matronas, herdeiras do hábito de não aparecer em público, insistem ainda em esconder as suas filhas. Entretanto, as belas jovens, cansadas da vigilância materna, não parecem mais preocupadas em se esconder como o faziam as suas mães²⁷.

A sociedade brasileira colonial no século XIX passa, portanto, por inúmeras transformações. Das classes ricas às classes pobres, homens e mulheres buscam novas formas de sociabilidade. Mas é no campo da miserabilidade econômica das populações abandonadas que a sociedade brasileira encontra sua maior fonte de regeneração, humanizar homens e mulheres desfigurados parece ser a meta de uma sociedade fragmentada pelos que têm e os que não têm.

2.3. Mendicidade e mendigos em Salvador

Em 1856, segundo ainda o vice-cônsul James Weterell, existem numerosos mendigos nas ruas de Salvador. As estratégias mendicantes para esmolar são sempre as mesmas: eles vão de casa em casa ou ficam parados nas esquinas com um lamento permanente: “Esmola pelo amor de Deus”. Há, segundo o inglês, rumores que alguns mendigos adquirem importantes somas. Mas a verdade é que os velhos e enfermos são os mais atingidos pela miséria e são estes que vivem exclusivamente da generosidade da sociedade baiana. Nos conventos existe a prática da distribuição diária ou uma vez por semana de *farinha*, de sopa ou de dinheiro aos pobres. Tudo é cuidadosamente organizado, os pobres adentram nos claustros “aonde toda aquela gente é introduzida, e cada um recebe a sua ração quando se retira, em fila, a fim de que ninguém receba mais do que uma vez”. Os frades se distribuem pela cidade para recolher entre os ricos as esmolas que serão distribuídas aos pobres: “Esta é a única maneira com a qual, neste país, se providencia o sustento dos pobres”²⁸.

disso, e o manifestavam por um sorriso de contentamento.” Apud. VERGER, Pierre, *Notícias da Bahia*. Salvador: Corrupio, 1981, p. 222.

²⁶ WETHERELL, James, *op. cit.*, p. 120.

²⁷ *Ibid.*, p. 146.

²⁸ *Op. cit.*, p. 132.

Um desses espaços de pobres em Salvador é o Asilo de Mendicidade²⁹. Oficialmente ele tem seu princípio com a prática dos franciscanos, do convento de São Francisco de Salvador, que distribuíam refeições aos mendigos de rua, em 1867. Dois relatos sobre a condição da mulher anônima nos chamam atenção. No dia 10 de Abril de 1867, portanto no princípio da atividade organizada, registrou-se a entrada de uma doente mental, sem procedência, na Casa de Asilo da Mendicidade à Ladeira de São Francisco. O mesmo relato, em 26 de Julho de 1870, registra a morte repentina da dita mendiga, Maria Francisca, no adro do convento de São Francisco³⁰. Em Janeiro de 1874, a Sociedade Philarmônica Luso-brasileira Minerva pedia permissão para dar um concerto musical, no Passeio Público, em benefício do Asilo de Mendicidade.

Entretanto, só em 29 de Julho de 1876, é tomado a encargo da Província pelo Dr. Luiz Antônio da Silva Nunes, Presidente da Província da Bahia. Os desafios sociais baianos parecem abrir novas perspectivas para uma rede de solidariedade que unirão pobres e ricos. A Professora Kátia Mattoso sublinha que na Bahia do século XIX os “menos favorecidos” se uniam para “ajudar aos mais pobres”, primeiro passo para tirá-los da penúria³¹. Essa atitude solidária é também confirmada nas classes abastadas. Tratava-se de “um gosto pela ajuda mútua”³². Boa parte da sociedade baiana parece se sentir responsável pela causa dos abandonados. Em 04 de Julho de 1876, os vencimentos do Fr. Raimundo Nonato da Madre de Deus Pontes, lente (Professor) da cadeira de Teologia Moral do seminário Arquiepiscopal foram oferecidos ao Asilo de Mendicidade pelo provincial da Ordem franciscana.

A inauguração do Asilo, no dia 26 de Julho de 1876, contou com a bênção do estabelecimento às 10 horas e a Missa, com a participação dos mendigos, rezada pelo Monsenhor Carlos Luis. Este padre esmolou na cidade baixa e renunciou as terças partes do seu ordenado ou gratificação que receberia do Estado em favor do Asilo. As contribuições das instituições

²⁹ As Bases para o Regulamento do Asilo de Mendicidade é simples e prático, como qualquer instituição principiante:

Art. 1 – Fica criado nesta capital sob a denominação de Asilo de Mendicidade – um abrigo destinado a receber todos os pobres de ambos os sexos, que esmolarem pela cidade e subúrbios.

Art. 2 – Enquanto este estabelecimento não tiver edifício próprio, ou enquanto se não obtiver um outro lugar, que ofereça mais amplas acomodações que possam receber número mais crescido de mendigos, continuará o Asilo na parte do convento, que espontaneamente cederam os religiosos franciscanos, e onde atualmente se acham.

Art. 3 – Acompanhar os mendigos a portaria de São Francisco nas ocasiões, em que ali se distribui comida à pobreza, fazendo-os regressar, logo que a tenham recebido, ao Asilo, onde farão refeição no lugar para isso designado. 28 de Junho de 1862. Arquivo Público do Estado da Bahia. Religião: Asilo de mendicidade (1862-1880), Seção de Arquivo Colonial e Provincial, Maço 5301.

³⁰ Arquivo Público do Estado da Bahia. Religião: Asilo de mendicidade (1862-1880), Seção de Arquivo Colonial e Provincial, Maço 5301.

³¹ MATTOSO, Kátia de Queiroz, *Bahia no século XIX. Uma Província no Império*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1992, p. 644.

³² *Id.*, *Ibid.*

religiosas foram significativas. Porém, as paróquias de Salvador foram as maiores contribuintes como demonstram as somas abaixo:

Proveniência	Valor
Freguesia de São Pedro	1.612\$000
Freguesia de Santo Antônio Além do Carmo	960\$500
Freguesia de N. Sra. das Mercês	1.308\$000
Freguesia de Brotas	572\$000
Freguesia da Vitória	499\$000
Freguesia da Vitória	3.302\$000
Freguesia da Penha	400\$000
Ordem Terceira do Carmo	200\$000
TOTAL	8.853\$500

Os comerciantes também participaram da instalação da casa que se propunha a asilar os desvalidos da má sorte, doando artigos indispensáveis para seu funcionamento como se designa abaixo:

Os negociantes abaixo assinados, no intuito de concorrerem de alguma sorte para a próxima instalação do asilo de mendicidade vem respeitosamente oferecer a V. Exa. como um dos mais importantes propugnadores de tão útil instituição: cincoenta colchões, cincoenta travesseiros, cincoenta fronhas, cem lençóis e cincoenta cobertores; assim, como a roupa e o calçado precisos para os mendigos de ambos os sexos, que se acham recolhidos no asilo São Francisco, assim de prevenir qualquer demora que possa haver na transferência deles, para ter lugar a inauguração do novo asilo. 05 de julho de 1876.³³

A Sociedade Comercial Nova Euterpe programou para o dia 23 de Fevereiro de 1878 um baile em benefício do Asilo de Mendicidade. Em ofício de 18 de Fevereiro, a Sociedade Comercial pede à Presidência da Província que os músicos militares, através da Banda Militar, abrilhantem a festa³⁴. Segundo Rousseau, o espetáculo é fundamental para revelar a singularidade de um povo:

Perguntar se os espetáculos são bons ou maus em si mesmos é formular uma questão muito vaga; é examinar uma relação antes de ter fixado os termos. Os espetáculos são feitos para o povo e é somente por seus efeitos sobre ele que se podem determinar suas qualidades absolutas. Pode haver espetáculos de uma infinidade de espécies; há de povo a povo uma prodigiosa diversidade de costumes, de temperamentos, de caracteres. O homem

é uno, confesso-o; mas o homem modificado pelas religiões, pelos governos, pelas leis, pelos costumes, pelos preconceitos, pelos climas torna-se tão diferente de si mesmo que não se deve mais procurar entre nós o que é bom aos homens em geral, mas o que é bom para eles em tal tempo ou em tal país.³⁵

A solidariedade estabelecida entre as diversas camadas sociais amplia os laços de uma sociabilidade sócio-caritativa, criando, dessa forma o que classificaríamos de “*pacto social*” por aglutinar e conclamar, indivíduos e grupos específicos, em torno de uma causa comum para remediar as necessidades de setores marginais da sociedade. Foi assim que o Pe. Romualdo Maria de Seixas Barroso, lente (professor) catedrático da cadeira de Teologia Moral do seminário, em 30 de Março de 1878, deu 5% do seu ordenado ao Asilo de Mendicidade por espaço de 5 anos.

As mesmas preocupações também suscitavam interesse nos alunos de medicina da Bahia que, nos 50 e 60 anos do curso, ofereciam seus serviços gratuitamente ao Asilo de Mendicidade³⁶. Foi essa predisposição à solidariedade que permitiu a compra, em 03 de Janeiro de 1879, do Palacete Machado, no bairro da Boa Viagem, na parte baixa da cidade de Salvador, a fim de para lá ser transferido o dito Asilo, o novo espaço físico foi comprado pela quantia de 43.350\$000 e recebeu também um novo nome: Asilo D. Pedro II.

Numa sociedade assolada pela mendicância e pela debilidade física da sua população, a indigência e miséria de homens e mulheres tornaram-se o elo de união da sociedade baiana no século XIX. Viúvos, viúvas, doentes, velhos, crianças, provocaram uma nova sensibilidade nas relações sociais. O sentimento de solidariedade, por outro lado, alcançou as autoridades públicas da Província. Reivindicou-se uma atitude das autoridades da Presidência da Província para subvencionar necessidades mais urgentes dos pobres e miseráveis³⁷.

Bibliografia

- ALGRANTI, Leila Mezan. “Educação feminina. Vozes dissonantes no século XVIII e a prática colonial”, In: *História e Utopias*. São Paulo: ANPUH (Associação Nacional de História), 1996, pp. 252-266.
- _____. *Honradas e Devotas: Mulheres da colônia. Condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil (1750-1822)*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Edunb, 1993.
- ALMEIDA, Angela Mendes de. *O Gosto do Pecado. Casamento e sexualidade nos manuais de confissões dos séculos XVI e XVII*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro de. *O Sexo Devoto: Normatização e resistência feminina no Império Português (séculos XVI-XVIII)* Recife: Editora Universitária/UFPE, 2005, pp. 242-334.

³⁵ Apud. FORTES, Luiz R. Salinas. *Rousseau: o bom selvagem*. São Paulo: FTD, 1989, p. 30.

³⁶ Arquivo Público do Estado da Bahia. Religião: Asilo de mendicidade (1862-1880), Seção de Arquivo Colonial e Provincial, Maço 5301.

³⁷ A.P.E.BA – Arquivo Público do Estado da Bahia. Religião: Assistência Social (1823-1889), Seção de Arquivo Colonial e Provincial, Maço 5303.

³³ Arquivo Público do Estado da Bahia. Religião: Asilo de mendicidade (1862-1880), Seção de Arquivo Colonial e Provincial, Maço 5301.

³⁴ Arquivo Público do Estado da Bahia. Religião: Asilo de mendicidade (1862-1880), Seção de Arquivo Colonial e Provincial, Maço 5301.

- ANDRADE, Maria José de Souza. *A Mão de Obra Escrava em Salvador (1811-1860)*. São Paulo: Corrupio, 1988.
- ARAÚJO, Emanuel. *O Teatro dos Vícios. Transgressões e transigência na sociedade urbana colonial*. 2a ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- AYMARD, Maurice. "Amizade e convivialidade", In: *História da Vida Privada. Da Renascença ao século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, pp. 455-500. 3 vol.
- AZEVEDO, Thales de. *O Povoamento da Cidade do Salvador*. Salvador: Editora Itapuã, 1969.
- EXPILLY, Charles. *Mulheres e Costumes do Brasil*. São Paulo/Brasília, Nacional/INL, (1a ed. Francesa 1864), 1977, p. 242. (Les Femmes et les mœurs du Brésil. Paris : Charlieu et Huillery, 1863).
- Fontes Franciscanas*. Apresentação Sérgio M. Dal Moro; tradução Celso Márcio Teixeira...[et. al.]. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- FORTES, Luiz R. Salinas. *Rousseau: O bom selvagem*. São Paulo: FTD, 1989.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade, I. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1982
- GRAHAM, Maria. *Diário de uma Viagem ao Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1990.
- HOORNAERT, Eduardo (Org.). *Crônica das Casas de Caridade fundadas pelo padre Ibiapina*. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.
- MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Bahia: A cidade do Salvador e seu mercado no século XIX*. São Paulo: Hucitec; Salvador: Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978.
- _____. *Família e Sociedade na Bahia do século XIX*. São Paulo: Corrupio, 1988.
- _____. *Bahia: Século XIX. Uma província no Império*, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1992.
- PERROT, Michelle. "À margem: solteiros e solitários", In: *História da Vida Privada: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, pp. 287-304. 4 vol.
- _____. *Os Excluídos da História: Operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988
- PRIORE, Mary del. *Ao Sul do Corpo. Condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Edunb, 1993.
- _____. (Org.), *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.
- SCHINDLER, H. "Plumas como enfeites de moda", In: *História, Ciências, Saúde — Manguinhos, vol. VIII (suplemento), 1089-1108*, 2001
- SILVA, Leonardo Dantas. "A escrava que falava inglês", In: *Textos sobre o Recife*, Fundação Joaquim Nabuco, <http://www.fundaj.gov.br/docs/rec/rec04.html>, s./d.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da. "A universidade brasileira e os estudos sobre a mulher", In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, 1987, n. 27, pp. 75-91.
- VERGER, Pierre. *Notícias da Bahia (1850)*. Salvador, Corrupio, 1981.
- WETHERELL, James. *Brasil. Apontamentos sobre a Bahia (1842-1857)*. Salvador: Edição do Branco da Bahia S/A, s./d.

Fontes Manuscritas

- Arquivo Histórico Ultramarino (AHU), Caixa 128, doc. 9976.
- Arquivo Público do Estado da Bahia (APEBA). Religião. Recolhimento com os Humildes de Santo Amaro. Assunto: Religião, 1833-1888. Seção de Arquivo Colonial e Provincial, Maço 5279.
- Arquivo Público do Estado da Bahia (APEBA). Religião. Asilo de mendicidade 1862-1880. Seção de Arquivo Colonial e Provincial. Maços 5301-5302-5303.

Onde há Galos podem Cantar Galinhas, 1964-1974: O contexto sociocultural feminino da última década do Estado Novo

Matilde da Conceição Estevens

Resumo: *A autora, até final da instrução primária, não realizara que no seu País, o Portugal dos anos sessenta do séc. XX, Homem e Mulher eram diferentes socialmente, sendo que tal distinção ultrapassava o mero campo biológico. Ao feminino era imposta, quase sempre, a obrigação de cumprir, sendo-lhe cerceados direitos fundamentais à sua dignidade (vg. acesso à instrução, trabalho fora de casa, frequência de certos locais). O homem, seu companheiro de jornada, era o senhor da liberdade, da rua e do "trabalho". Cabia-lhe decidir sobre tudo. Porque assim era e assim sempre tinha sido: onde há galos não cantam galinhas. Partindo do aduzido, fulcro de injustiças castradoras do feminino, indutoras de um desenvolvimento social em que nem sequer o homem beneficiava, apresenta-se uma proposta de reflexão sobre as características da sociedade portuguesa da última década do Estado Novo (1964-1974).*

Introdução

Partindo da sociedade portuguesa actual propomo-nos a sua revisitação, quarenta anos depois. Numa primeira paragem procura-se a Lisboa da década de 1964-1974, para aí encontrar a jovem mulher, empregada de escritório, que em 1974, estava na casa dos vinte. Era adolescente, ou muito perto, no princípio do seu ciclo profissional e tinha o curso comercial como habilitação académica (ensino secundário técnico). Esta geração de mulheres, a dos anos sessenta em geral, marcou com a anterior um ponto de ruptura. Porque a sociedade, ao sublimar a quase exclusividade da mulher nas funções de esposa, mãe e educadora, cerceou-lhe o direito à instrução e ao trabalho com remuneração condigna. As mudanças iniciadas nos *sixties* caminham para a autonomia e dignidade femininas, não lhes sendo alheias causas de natureza externa e interna. As mulheres do universo em estudo vão sair de casa para trabalhar: para muitas isso significou o corte com as raízes familiares. Migraram para o litoral, especialmente para as grandes cidades, sozinhas em ambientes desconhecidos.

A construtora do futuro feminino em Portugal, é herdeira de uma linha ideológica castradora, que a excluía do poleiro, porque o provérbio diz que "Onde há galos não cantam galinhas"¹. Estruturado em três partes, o presente ensaio contempla "A Lisboa dos anos

¹ Parente, Salvador (2005): *Livro dos Provérbios*, p. 492.